

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal de J. Catarina*

Class.: 212

Data: 18.05.88

Pg.: 1

Barragem Norte: polícia não intimida piquetes

José Boiteux — Cerca de 300 homens ligados à comunidade entre eles representantes políticos de Ibirama, e Victor Meirelles, mantinham, até o início da noite de ontem, no município de José Boiteux, a firme decisão de manter o boicote à entrada de caminhões que pretendessem levar, até a Barragem Norte, através da rodovia que liga José Boiteux à localidade, material de construção e combustível.

Apesar da presença do destacamento da Polícia Militar de Rio do Sul, que com seus 40 homens, sob o comando do capitão PM Anilson Nelson, mantinha-se no local para evitar "abusos" e aguardar a tropa que chega hoje de Lages, com outros 120 policiais PMs, a postura do presidente da Câmara de Vereadores de Ibirama Osvaldo Beltrami, à frente do movimento, mantinha-se inalterada. "Vamos continuar no local, a pos-

tos, até que o diretor geral do DNOS, Paulo Oscar Baier ou Afonso Velga Filho, diretor regional do Departamento Nacional de Obras e Saneamento venha negociar e cumprir as promessas feitas até aqui", afirmou categoricamente.

Já o prefeito de Ibirama, Luiz Muller (PV), ao qual José Boiteux ainda está afeto, na qualidade de município recém criado, disse que "é lamentável a postura dos órgãos envolvidos na construção da Barragem Norte, que, ao invés de negociar, não tenham vindo e tenham mandado, em seu lugar, a polícia", desabafou.

Reivindicações

As comunidades de Ibirama, José Boiteux, Victor Meirelles e a população da reserva indígena estão empenhadas em tentar sensibilizar os órgãos federais e estaduais, para que tomem conhecimento, mais uma vez, da extensão dos problemas criados, se-

gundo eles, na região, a partir do início das obras de construção da Barragem Norte, que prosseguem há mais de 10 anos.

Segundo os vereadores de Ibirama, Almir Sonta e Quirino Silva, ambos do PDS e Dieter Staudinger, PMDB, entre outros, "a construção da barragem trouxe inúmeros problemas, a começar pela população que foi indenizada pelo DNOS, para desocupar as terras, onde futuramente deverá ser instalado o lago de contenção de águas pluviométricas e que vai inundar grande parte da área, antes ocupada por colonos e índios, além de pequenos empresários", explicam.

Segundo os políticos e empresários "não houve preocupação para que estas famílias fossem imediatamente assentadas nas regiões próximas o que provocou o êxodo de muitas delas, para municípios vizinhos, o que representou grandes perdas para Ibirama também, já que algumas destas famílias mantinham pequenas indústrias no local", explicam.

Outro fator que desagrada à população dos municípios envolvidos com a construção da Barragem Norte é a rodovia de contorno, construída de maneira inadequada, segundo Staudinger, "e de difícil conservação, já que a prefeitura não pode assumir esta despesa e o DNOS se furta da responsabilidade que tem no assunto, mesmo porque deixou de cumprir muitas promessas feitas anteriormente", reitera.

A rodovia, de acordo com a comunidade, numa extensão de 35 km, "é sinuosa demais, está em péssimas condições de tráfego e um quadro comum, principalmente na época de chuvas, é a intratabilidade de ônibus e caminhões pesados, que precisam realizar o trajeto rumo às localidades de Barra do Rio da Prata e Rio Denicke", explica.



A chegada dos 40 PMs não intimidou comunidade que bloqueia acessos.

'Paus de governo' bloqueiam os caminhões

Os piquetes começaram a ser organizados já na manhã da última segunda-feira, com a colocação de cancelas denominadas "pau de governo" pelos manifestantes, no meio da estrada que dá acesso à entrada da Barragem Norte. Com as cancelas, a comunidade impede a entrada de caminhões que rumam em direção à barragem, levando material de construção para prosseguimento

das obras e combustível para abastecimento dos maquinários.

Segundo o engenheiro José Cajueira, um dos responsáveis pelas obras da barragem, "a movimentação da população não afetará tecnicamente a continuação das obras, já que temos estoque de material de construção e combustível, que nos garantem levar à frente o serviço, por mais uma semana",

afirmou.

Cajueira disse ainda que "o DNOS tem interesse em dialogar com os manifestantes, para que juntos consigamos chegar a um acordo", enfatizou.

Na barragem, hoje, atuam cerca de 800 empregados, que não terão problemas de alimentação, já que as provisões têm passagem livre junto aos piquetes.

Chegam hoje mais 120 soldados da PM de Lages

Além da presença da Polícia Civil de Ibirama e municípios vizinhos, ontem pela manhã, estiveram no local cerca de 40 homens da Polícia Militar, que sob o comando do capitão comandante do destacamento de Rio do Sul, solicitou a retirada das cancelas.

Depois de retiradas as barreiras, no entanto, o piquete humano continuou armando barracas, para que todas as pessoas presentes pudessem continuar no local, em função da chuva que persistiu du-

rante todo o dia. No início da noite de ontem, na presença de aproximadamente 300 pessoas, o capitão comandante PM de Rio do Sul, voltou acompanhado de outros 40 homens de seu destacamento e tentou convencer a população a retornar às suas casas, até que as negociações entre DNOS e peléio do governo chegassem a termo.

Diante da negativa dos manifestantes, Nelson manteve um longo contato telefônico com o secretário de Segurança Pública em Santa

Catarina que, segundo informações de Nelson, "entraria em reunião com o governador Pedro Ivo Campos para buscar uma solução para o impasse", disse.

Depois desta conversa, Nelson ligou para o coronel Formigueri, de Lages, solicitando um reforço de tropa de choque composta por outros 120 homens, que deverá chegar agora pela madrugada ao município de José Boiteux para, segundo Nelson "resolver questão, se preciso for, à força", concluiu.

Índios prometem não liberar as máquinas

As quase 1.500 famílias indígenas moradoras na reserva de José Boiteux, aderiram movimento desde a última segunda-feira, quando paralisaram as operações de máquinas, que realizavam o trabalho de retirada de areia, numa das áreas da reserva, desapropriada pelo DNOS. A areia é utilizada pelo órgão federal na construção da barragem norte.

Os índios liderados pelo vice-cacique Antônio Caxias Popó, mantêm além das máquinas paradas, 2 motoristas do DNOS, no local para controle da situação. "Assim, não seremos acusados de estarmos depredando os equipamentos", garante Popó.

A reivindicação dos índios

Mas, a paralisação das máquinas do DNOS, no local, sob o comando



Comunidade indígena prende máquinas do DNOS.

das tribos locais é a forma que também eles encontraram para chamar a atenção dos órgãos federais (DNOS e Ministério do Interior) para o descumprimento de alguns itens constantes de um documento contratual, assinado pelo DNOS em novembro de 87 e que até aqui não teve algumas de suas cláusulas cumpridas.

No referido documento, onde tiram compromisso de cumprimento das reivindicações feitas pelas comunidades indígenas e representan-

te, na época, da Funai, o DNOS compromete-se a cumprir, um grande número de cláusulas "muitas até aqui sem respostas", segundo o vice-cacique.

A reabertura da estrada com cascalhamento e revestimento em pedras, com material procedente de Dalbérgia (areião) e o prolongamento da estrada até o rio Denicke; construção de bueiros, estradas de acesso às residências espalhadas por toda a reserva, 30 km de estrada de contorno à margem esquerda da bacia de acumulação, construção da casa do pastor, escolas e igreja, 6 km de rede de água e outros pedidos feitos, além da construção de 20 casas para índios deixaram de ser atendidos pelo DNOS, de acordo com o documento exibido pelo vice-cacique Popó e que traz a assinatura de Paulo Oscar Baier, diretor do DNOS, outros representantes do órgão e caciques na época.

Segundo os índios, as máquinas do DNOS só voltarão a funcionar "quando o ministro da Irrigação, Vicente Fialho, vier para resolver, definitivamente, a situação", conclui.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal de J. Catarina*

Class.: 242

Data: 18.05.88

Pg.: 242

Barragem Norte: polícia não intimida piquetes

José Boiteux — Cerca de 300 homens ligados à comunidade entre eles representantes políticos de Ibirama, e Victor Meireles, mantinham, até o início da noite de ontem, no município de José Boiteux, a firme decisão de manter o boicote à entrada de caminhões que pretendessem levar, até a Barragem Norte, através da rodovia que liga José Boiteux à localidade, material de construção e combustível.

Apesar da presença do destacamento da Polícia Militar de Rio do Sul, que com seus 40 homens, sob o comando do capitão PM Anilson Néelson, mantinha-se no local para evitar "abusos" e aguardar a tropa que chega hoje de Lages, com outros 120 policiais PMs, a postura do presidente da Câmara de Vereadores de Ibirama Osvaldo Beltrami, à frente do movimento, mantinha-se inalterada. "Vamos continuar no local, a pos-

tos, até que o diretor geral do DNOS, Paulo Oscar Baier ou Afonso Veiga Filho, diretor regional do Departamento Nacional de Obras e Saneamento venha negociar e cumprir as promessas feitas até aqui", afirmou categoricamente.

Já o prefeito de Ibirama, Luiz Muller (PV), ao qual José Boiteux ainda está afeto, na qualidade de município recém criado, disse que "é lamentável a postura dos órgãos envolvidos na construção da Barragem Norte, que, ao invés de negociar, não tenham vindo e tenham mandado, em seu lugar, a polícia", desabafou.

Reivindicações

As comunidades de Ibirama, José Boiteux, Victor Meireles e a população da reserva indígena estão empenhadas em tentar sensibilizar os órgãos federais e estaduais, para que tomem conhecimento, mais uma vez, da extensão dos problemas criados, se-

gundo eles, na região, a partir do início das obras de construção da Barragem Norte, que prosseguem há mais de 10 anos.

Segundo os vereadores de Ibirama, Aimir Sonta e Quirino Silva, ambos do PDS e Dieter Staudinger, PMDB, entre outros, "a construção da barragem trouxe inúmeros problemas, a começar pela população que foi indenizada pelo DNOS, para desocupar as terras, onde futuramente deverá ser instalado o lago de contenção de águas pluviais e que vai inundar grande parte da área, antes ocupada por colonos e índios, além de pequenos empresários", explicam.

Segundo os políticos e empresários "não houve preocupação para que estas famílias fossem imediatamente assentadas nas regiões próximas o que provocou o êxodo de muitas delas, para municípios vizinhos, o que representou grandes perdas para Ibirama também, já que algumas destas famílias mantinham pequenas indústrias no local", explicam.

Outro fator que desagradou à população dos municípios envolvidos com a construção da Barragem Norte é a rodovia de contorno, construída de maneira inadequada, segundo Staudinger, "e de difícil conservação, já que a prefeitura não pode assumir esta despesa e o DNOS se furta da responsabilidade que tem no assunto, mesmo porque deixou de cumprir muitas promessas feitas anteriormente", reitera.

A rodovia, de acordo com a comunidade, numa extensão de 35 km, "é sinuosa demais, está em péssimas condições de tráfego e um quadro comum, principalmente na época de chuvas, é a intratabilidade de ônibus e caminhões pesados, que precisam realizar o trajeto rumo às localidades de Barra do Rio da Prata e Rio Denicke", explica.



A chegada dos 40 PMs não intimidou comunidade que bloqueia acessos.

'Paus de governo' bloqueiam os caminhões

Os piquetes começaram a ser organizados já na manhã da última segunda-feira, com a colocação de cancelas denominadas "pau de governo" pelos manifestantes, no meio da estrada que dá acesso à entrada da Barragem Norte. Com as cancelas, a comunidade impede a entrada de caminhões que rumam em direção à barragem, levando material de construção para prosseguimento

das obras e combustível para abastecimento dos maquinários.

Segundo o engenheiro José Cajueira, um dos responsáveis pelas obras da barragem, "a movimentação da população não afetará tecnicamente a continuação das obras, já que temos estoque de material de construção e combustível, que nos garantem levar à frente o serviço, por mais uma semana",

afirmou.

Cajueira disse ainda que "o DNOS tem interesse em dialogar com os manifestantes, para que juntos consigamos chegar a um acordo", enfatizou.

Na barragem, hoje, atuam cerca de 600 empregados, que não terão problemas de alimentação, já que as provisões têm passagem livre junto aos piquetes.

Chegam hoje mais 120 soldados da PM de Lages

Além da presença da Polícia Civil de Ibirama e municípios vizinhos, ontem pela manhã, estiveram no local cerca de 40 homens da Polícia Militar, que sob o comando do capitão comandante do destacamento de Rio do Sul, solicitou a retirada das cancelas.

Depois de retiradas as barreiras, no entanto, o piquete humano continuou armando barracas, para que todas as pessoas presentes pudessem continuar no local, em função da chuva que persistiu du-

rante todo o dia. No início da noite de ontem, na presença de aproximadamente 300 pessoas, o capitão comandante PM de Rio do Sul, voltou acompanhado de outros 40 homens de seu destacamento e tentou convencer a população a retornar às suas casas, até que as negociações entre DNOS e palácio do governo chegassem a termo.

Diante da negativa dos manifestantes, Nelson manteve um longo contato telefônico com o secretário de Segurança Pública em Santa

Catarina que, segundo informações de Nelson, "entraria em reunião com o governador Pedro Ivo Campos para buscar uma solução para o impasse", disse.

Depois desta conversa, Nelson ligou para o coronel Formigueri, de Lages, solicitando um reforço da tropa de choque composta por outros 120 homens, que deverá chegar agora pela madrugada ao município de José Boiteux para, segundo Nelson, "resolver questão, se preciso for, à força", concluiu.

Índios prometem não liberar as máquinas

As quase 1.500 famílias indígenas moradoras na reserva de José Boiteux, aderiram movimento desde a última segunda-feira, quando paralisaram as operações de máquinas, que realizavam o trabalho de retirada de areia, numa das áreas da reserva, desapropriada pelo DNOS. A areia é utilizada pelo órgão federal na construção da barragem norte.

Os índios liderados pelo vice-cacique Antônio Caxias Popó, mantêm além das máquinas paradas, 2 motoristas do DNOS, no local para controle da situação. "Assim, não seremos acusados de estarmos depredando os equipamentos", garante Popó.

A reivindicação dos índios Mas, a paralisação das máquinas do DNOS, no local, sob o comando



Comunidade indígena prende máquinas do DNOS.

das tribos locais é a forma que também eles encontraram para chamar a atenção dos órgãos federais (DNOS e Ministério do Interior) para o descumprimento de alguns itens constantes de um documento contratual, assinado pelo DNOS em novembro de 87 e que até aqui não teve algumas de suas cláusulas cumpridas.

No referido documento, onde tiram compromisso de cumprimento das reivindicações feitas pelas comunidades indígenas e representan-

te, na época, da Funai, o DNOS compromete-se a cumprir, um grande número de cláusulas "muitas até aqui sem respostas", segundo o vice-cacique.

A reabertura da estrada com cascalhamento e revestimento em pedras, com material procedente de Dalbérria (areião) e o prolongamento da estrada até o rio Denicke; construção de bueiros, estradas de acesso às residências espalhadas por toda a reserva, 30 km de estrada de contorno à margem esquerda da bacia de acumulação, construção da casa do pastor, escolas e igreja, 6 km de rede de água e outros pedidos feitos, além da construção de 20 casas para índios deixaram de ser atendidos pelo DNOS, de acordo com o documento exibido pelo vice-cacique Popó e que traz a assinatura de Paulo Oscar Baier, diretor do DNOS, outros representantes do órgão e caciques na época.

Segundo os índios, as máquinas do DNOS só voltarão a funcionar "quando o ministro da Irrigação, Vicente Fialho, vier para resolver, definitivamente a situação", conclui.